

*CARTAS MARRUECAS (XLIX) /
CARTAS MARROQUINAS (XLIX)*
E A TRADUÇÃO



JOSÉ CADALSO

LUIZIANE DA SILVA ROSA

JOSÉ CADALSO Y VÁZQUEZ DE ANDRADE (1741-1782) foi escritor, ensaísta, poeta, literato, intelectual e militar espanhol; embora de formação neoclássica, é considerado o maior nome das ideias ilustradas da Espanha¹.

José Cadalso teve seu auge como escritor nos anos 1770 a 1775. Levou para a sua obra parte do pensamento do século XVIII e de sua vivência cosmopolita e impressões de países como Holanda, Itália, Inglaterra, Alemanha e França. Por conta disso, está presente a crítica que faz aos costumes e à situação política da Espanha, principalmente no reinado de Carlos III (1759-1788), em contraste com outros países. Toma como referência a França, citada em suas obras pelas ideias em favor do povo, da democracia, da luta pelas minorias e pela qualidade de vida exigida pelo Terceiro Estado, movimento que deu origem à Revolução Francesa. Cadalso partilhava desse pensamento, tendo participado no movimento ilustrado espanhol. Somado a isso, a França é constantemente mencionada também porque manteve alianças com a Espanha, em decorrência de guerras e posses de territórios, contra a Inglaterra. Embora Carlos III seja considerado pelos seus sucessores e pelo povo como o “melhor governante da Espanha” e tenha modernizado aspectos das artes, da arquitetura, da educação, da economia, da política e das leis (coincidindo nesses aspectos com o que postulava o movimento da Revolução Francesa), sua demonstração passiva perante o povo e a coroa nas decisões políticas e econômica fez com que José Cadalso de-

¹ Longe de voltar a ter o prestígio conquistado com a colonização do continente americano no século XVI, a Espanha declina rumo à crise econômica e política já no século XVII devido a dívidas com outros países, ao descontentamento das camadas mais pobres e aos exageros da monarquia. Em contrapartida, em outros países como Inglaterra e Holanda a situação era um pouco diferente porque havia melhor equilíbrio financeiro mesmo após a independência de suas colônias. Além disso, nesses países e em muitos outros da Europa, o pensamento Iluminista, originado nos movimentos reformistas da França, que, como movimento cultural, intelectual e filosófico, procurava teorizar sobre a situação real na qual viviam e denunciar a sociedade de seu tempo. Assim, as ideias iluministas que circulavam na Europa influenciaram em grande parte os espanhóis, inclusive os clérigos, que passaram a adotar tal ideologia. Por conta disso, a afinidade de José Cadalso com as ideias iluministas permeia sua obra.

fendesse o país e, ao mesmo tempo, denunciasse a situação em que a Espanha se encontrava.

Para José Cadalso, a Espanha poderia recuperar novamente seu prestígio caso se espelhasse em virtudes e modelos eficazes em vez de dedicar-se a futilidades e modismos que atrasavam cada vez mais a reconquista do poder. Defendia que ser afrancesado, ou seguir modelos franceses, não significava ser antipatriota mas progressista. (PÉREZ ROSADO, 2011). Ao mesmo tempo, tomava como referência o século XVI espanhol, pós-renascimento, pois ali haveria modelos militares, sociais, políticos e patrióticos inspiradores para sua época.

Em suas obras em prosa como *Papel en defensa de la Nación Española* (1768), *El Suplemento* (1772), *Noches Lugubres* (1789) e *Cartas Marruecas* (1789), recorre à ironia, ao sarcasmo e à crítica para precisamente denunciar a sociedade espanhola e revelar sua desconformidade com o rumo que ela estava tomando. Nota-se aí, uma forte tendência do pensamento ilustrado do século XVIII que procura solucionar os problemas de seu tempo pela razão.

Assim, na prosa epistolar *Cartas Marruecas*, escrita entre 1773 e 1774 e publicada postumamente pelo Correo de Madrid, em 1789, José Cadalso revela as ideias literárias de seu tempo, onde em forma de sátira social julga os costumes, as crenças e a visão política e religiosa espanhola. O autor não teve oportunidade de publicar essa obra devido à censura da época, vindo a falecer em 1782, no Cerco de Gibraltar, aos 41 anos.

Inspirado na mesma ideia das *Cartas Persas* (1721) de Montesquieu (1689-1755), José Cadalso cria em *Cartas Marruecas* uma obra didática em que três personagens atuando como correspondentes trocam cerca de 90 cartas nas quais relatam, descrevem, refletem, orientam, sugerem e opinam sobre o que veem e vivenciam em viagens à Espanha. As cartas não têm uma ordem definida, e sobressaem as temáticas da religião, da política, da sociedade e da moda intelectual europeia. Os personagens são Gazel, um jovem viajante marroquino, Ben-Beley, o mestre de Gazel, de origem marroquina e idade mais avançada, e Nuño, que aparece pouco como escritor de cartas, porém é mencionado em muitas delas por Gazel. Nuño é considerado um personagem autobiográfico de Cadalso, uma vez que se identifica com ele por seu caráter patriótico, cosmopolita e também progressista.

No que concerne à tradução, nas ocasiões em que a trata como tema, *Cartas Marruecas* segue a tendência da época de ser contra os estrangeirismos, principalmente o galicismo, e contra a má conduta de alguns tradutores, a exemplo do que acontecia no Renascimento (FURLAN, 2006). Cabe recordar também que *Cartas Marruecas* pertencem a uma época em que o ofício de traduzir se tornava mais profissional e as publicações, mais recorrentes e importantes como a da Real Academia Española (RAE) com sua primeira edição da *Gramática de la Lengua Española* (1771).

Em *Cartas Marruecas*, em particular na carta XLIX, José Cadalso fala de tradutores e de “imitadores dos estrangeiros”. Na concepção do autor, a tarefa tradutória implica valorização do léxico da língua pátria, conhecimento linguístico das línguas e uma árdua pesquisa, para dar sentido ao texto traduzido, preservando a mesma estética, sonoridade e poesia do texto de origem. José Cadalso dominava o alemão, o francês, o italiano, o latim e o inglês, e por isso falava com propriedade ao tomar autores que versavam sobre tradução, como Juan

Luis Vives (1492-1540). Critica o fato de muitos tradutores, particularmente os mais jovens, darem maior prestígio aos estrangeirismos. Assim, para ele, esses tradutores acabavam por não fazer um amplo estudo dos aspectos linguísticos e retóricos envolvidos em todo tipo e gênero de texto. Após enumerar o que considerava como decorrência do mau desempenho do tradutor, Cadalso faz uma sugestão de metodologia adequada, na fala do personagem Nuño, que também podemos comparar com a estrutura da concepção do processo de criação literária clássica, em suas três operações distintas, assim descrito:

[...] o processo começava com a *inuentio*, que consistia na reunião do material, res. Depois de reunido, devia ser organizado numa ordem lógica, a *dispositio*. Por fim, o material ordenado era colocado nas palavras durante a *elocutio*. Havia dois tipos de *elocutio*: a *constructio* era controlada pela gramática e objetivava a correção da frase; a *compositio* era controlada pela retórica e objetivava a correção do estilo. (FURLAN, 2006, p. 21)

Ao tradutor cabe cuidar dessas partes de modo a apresentar um texto tão belo de ser lido como o original. Prevalece, pois, como diz Cadalso nas palavras de Nuño, uma prática da linguagem que não necessariamente é a transposição literal e quantitativa de um texto a outro, mas sim que produz sentido e beleza na língua de chegada uma vez que essa também permite tal formosura. Cabe, pois, ao tradutor estudar, ouvir, perceber o que soa bem e adequar ao texto na língua de chegada.

Na carta L (UCHOA, 1850), Cadalso justifica algumas decisões de tradutores reconhecendo que traduzir é uma tarefa complexa e ingrata. Nela o personagem Gacel lamenta que muitas formas de tradução se tornam impossíveis devido à sonoridade da língua fonte, que exige um maior empenho ao passá-la à língua de chegada, o que possibilita que se cometa erros e, por outra parte, até impossibilita a tradução de algumas obras. Já na tradução científica, a questão do erro seria menor porque a gramática e a retórica são parecidas,

[...] Não obstante, o que mais uniu os estudiosos europeus de diferentes países é o número de traduções de uma língua para outra; mas não acredites que essa comodidade seja tão grande como certamente imaginarás. Nas ciências positivas, não duvido que seja, porque as palavras e frases para tratá-las em todos os países são quase as mesmas, distinguindo-se estas muito pouco na sintaxe, e aquelas somente na terminação ou pronúncia das terminações; porém nas matérias de pura moralidade, crítica, história ou entretenimento costumam haver mil erros nas traduções, por causa das naturezas diversas de cada língua. Uma frase, ao parecer a mesma, costuma ser na realidade muito diferente; porque em uma língua é sublime, em outra baixa, e em outra mediana. Daí o fato de que, não somente não se dá o verdadeiro sentido que tem numa, se se traduz exatamente, mas também o próprio tradutor não a entende, e por conseguinte, dá à sua nação uma ideia equivocada do autor estrangeiro.² (CADALSO, José. *Cartas Marruecas, Carta L*)

² No original: “No obstante, lo que mas há unido a los sabios europeos de diferentes países, es el número de traducciones de unas lenguas en otras; pero no creas que esta comodidad sea tan grande como te figurarás desde luego. En las ciencias positivas no dudo que sea; porque las voces y frases para tratarlas en todos los países son casi las mismas, distinguiéndose estas muy poco en la sintaxis, y aquellas solo en la terminación o pronunciación de las terminaciones; pero en las materias puramente de moralidad, critica, historia ó pasatiempo suele haber mil yerros en las traducciones, por las varias índoles de cada idioma. Una frase, al parecer la misma, suele ser en la realidad muy diferente; porque en una lengua es sublime, en otra baja, y en otra media. De

Nessa carta, Gacel aproveita para falar das elites francesa e espanhola, e da questão cultural em alguns gêneros, como a comédia e a tragédia. Retoma o conceito de interpretação, pois ao tentar traduzir um texto não científico, que incluía moralidade, história e crítica, a probabilidade de erro é maior, e teoricamente o tradutor influi com seu juízo de valor.

A título de ilustração das idéias de Cadalso, traduzi a carta XLIX, de Gacel a Ben-Beley. Adotei estratégias de retextualização, em que adapto e adequo ao meu tempo a leitura particular do texto e do seu contexto, de modo que não me guio somente pelos aspectos gramaticais, mas principalmente, pelos discursivos. De acordo com Travaglia (2003, p. 64),

[...] a teoria da tradução enquanto retextualização leva em conta tanto a língua enquanto conjunto de regularidades discursivamente construídas, quanto a situação e o sujeito usuário da língua na interação, ou seja, as condições de produção do texto como unidade discursiva de sentido. Leva em conta que o sistema linguístico não é um código fixo e imutável, mas um espaço em ebulição perpassado pela oposição entre o caráter estável e instável da linguagem.

Dessa forma, a tradução a seguir procura preservar certas características do texto, ao mesmo tempo em que tenta trazê-lo para o atual contexto.

Luiziane da Silva Rosa
luizianesc@gmail.com

Doutoranda, Universidade Federal de Santa Catarina

aquí viene que, no solo no se da el verdadero sentido que tiene en una, si se traduce exactamente, sino que el mismo traductor do la entiende, y por consiguiente da a su nación una siniestra idea del autor extranjero”.

DE GAZEL A BEN-BELEY –
LASTIMOSA DECADENCIA DE
LA LENGUA CASTELLANA
(1734)

¿Quién creyera que la lengua tenida universalmente por la más hermosa de todas las vivas dos siglos ha, sea hoy una de las menos apreciables? Tal es la priesa que se han dado a echarla a perder los españoles. El abuso de su flexibilidad, digámoslo así, la poca economía en figuras y frases de muchos autores del siglo pasado, y la esclavitud de los traductores de presente a sus originales, han despojado este idioma de sus naturales hermosuras, cuales eran laconismo, abundancia y energía. Los franceses han hermo­seado el suyo al paso que los españoles lo han desfigurado. Un párrafo de Montesquieu y otros coetáneos tiene tal abundancia de las tres hermosuras referidas, que no parecían caber en el idioma francés; y siendo anteriores con un siglo y algo más los autores que han escrito en buen castellano, los españoles del día parecen haber hecho asunto formal de humillar el lenguaje de sus padres. Los traductores e imitadores de los extranjeros son los que más han lucido en esta empresa. Como no saben su propia lengua, porque no se sirven tomar el trabajo de estudiarla, cuando se hallan con alguna hermosura en algún original francés, italiano o inglés, amontonan galicismos, italianismos y anglicismos, con lo cual consiguen todo lo siguiente:

1. Defraudan el original de su verdadero mérito, pues no dan la verdadera idea de él en la

DE GAZEL A BEN-BELEY –
LASTIMOSA DECADÊNCIA DA
LÍNGUA CASTELHANA
(2012)

Quem acreditaria que a língua tida universalmente como a mais bela de todas as línguas vivas há dois séculos seja hoje uma das menos apreciáveis? Tal é a pressa com que se empenharam os espanhóis em estragá-la. O abuso de sua flexibilidade, digamos assim, a pouca economia nas figuras e frases de muitos autores do século passado, e a escravidão dos tradutores contemporâneos a seus originais, despojaram este idioma de suas formosuras naturais, quais eram laconismo, abundância e energia. Os franceses embelezaram o seu idioma ao passo que os espanhóis o desconfiguraram. Um parágrafo de Montesquieu e de outros contemporâneos à sua época tem uma tal abundância das três formosuras referidas, que não pareciam caber no idioma francês: e sendo anteriores em um século, e algo mais, os autores que escreveram em bom castelhano, os espanhóis da atualidade parecem ter um assunto formal humilhar a linguagem de seus pais. Os tradutores e imitadores dos estrangeiros são os que mais se destacaram nessa empresa difícil. Como não sabem sua própria língua, porque não se dão ao trabalho de estudá-la, quando se deparam com alguma formosura em algum original francês, italiano ou inglês, amontoam galicismos, italianismos e anglicismos, com o que conseguem todo o seguinte:

1. Defraudam o original de seu verdadeiro mérito, pois não dão dele uma ideia verdadeira na tra-

traducción.

2. Añaden al castellano mil frases impertinentes.

3. Lisonjean al extranjero, haciéndole creer que la lengua española es subalterna a las otras.

4. Alucinan a muchos jóvenes españoles, disuadiéndoles del indispensable estudio de su lengua natal.

Sobre estos particulares suele decirme Nuño:

«Algunas veces me puse a traducir, cuando muchacho, varios trozos de literatura extranjera; porque así como algunas naciones no tuvieron a menos el traducir nuestras obras en los siglos en que éstas lo merecían, así debemos nosotros portarnos con ellas en lo actual. El método que seguí fue éste: leía un párrafo del original con todo cuidado; procuraba tomarle el sentido preciso; lo meditaba mucho en mi mente, y luego me preguntaba yo a mí mismo: si yo hubiese de poner en castellano la idea que me ha producido esta especie que he leído, ¿cómo lo haría? Después recapacitaba si algún autor antiguo español había dicho cosa que se le pareciese; si se me figuraba que sí, iba a leerlo, y tomaba todo lo que me parecía ser análogo a lo que deseaba. Esta familiaridad con los españoles del XVI siglo y algunos del XVII me sacó de muchos apuros, y sin esta ayuda es formalmente imposible el salir de ellos, a no cometer los vicios de estilo que son tan comunes.

Más te diré. Creyendo la transmigración de las artes tan firmemente como cree la de las almas cualquiera buen pitagorista, he creído ver en el castellano y latín de Luis Vives, Alonso Matamoros, Pedro Ciruelo, Francisco

dução;

2. Acrescentam ao castelhano mil frases impertinentes;

3. Lisonjeiam o estrangeiro, fazendo-lhe crer que a língua espanhola é subalterna às outras;

4. Deslumbram muitos jovens espanhóis, dissuadindo-lhes do indispensável estudo de sua língua natal.

Sobre essas particularidades, Nuño costuma me dizer:

“Algunas vezes eu traduzia, quando menino, vários fragmentos de literatura estrangeira; porque, assim como algumas nações não se consideraram menores para traduzir nossas obras nos séculos em que essas o mereciam, assim devemos portar-nos ante elas na atualidade. O método que segui foi este. Lia um parágrafo do original com todo cuidado; procurava tomá-lo no sentido mais preciso; meditava muito sobre ele em minha mente; e logo me perguntava: se eu tivesse de colocar em castelhano a ideia que produzi do que li, como o faria? Depois considerava se algum antigo autor espanhol havia dito coisa que se lhe parecesse. Se imaginasse que sim, ia lê-lo, e tomava dele tudo o que julgava ser análogo ao que desejava eu. Essa familiaridade com os espanhóis do século XVI, e alguns do XVII, me tirou de muitos apuros; e sem essa ajuda é formalmente impossível fugir de eles, não cometer vícios de estilo tão comuns.

Dir-te-ei mais. Crendo a transmigração das artes tão firmemente quanto a crê a das almas qualquer bom pitagorista, acreditei ver no castelhano e latim de Luis Vives, Alonso Matamoros, Pedro Ciruelo, Francisco Sanchez,

Sánchez llamado el Brocense, Hurtado de Mendoza, Ercilla, fray Luis de Granada, fray Luis de León, Garcilaso, Argensola, Herrera, Álava, Cervantes y otros, las semillas que tan felizmente han cultivado los franceses de la mitad última del siglo pasado, de que tanto fruto han sacado los del actual. En medio del justo respeto que siempre han observado las plumas españolas en materias de religión y gobierno, he visto en los referidos autores excelentes trozos, así de pensamiento como de locución, hasta en las materias frívolas de pasatiempo gracioso; y en aquellas en que la crítica con sobrada libertad suele mezclar lo frívolo con lo serio, y que es precisamente el género que más atractivo tiene en lo moderno extranjero, hallo mucho en lo antiguo nacional, así impreso como inédito. Y en fin, concluyo que, bien entendido y practicado nuestro idioma, según lo han manejado los maestros arriba citados, no necesita más echarlo a perder en la traducción de lo que se escribe, bueno o malo, en lo restante de Europa; y a la verdad, prescindiendo de lo que han adelantado en física y matemática, por lo demás no hacen absoluta falta las traducciones».

Esto suele decir Nuño cuando habla seriamente en este punto.

chamado de o Brocense, Hurtado de Mendoza, Ercila, Fr. Luis de Granada, Fr. Luis de León, Garcilaso, Argensola, Herrera, Álava, Cervantes e outros, as sementes que tão felizmente cultivaram os franceses da última metade do século passado, de que tanto fruto aproveitaram os da atualidade. Em meio ao justo respeito que sempre observaram as plumas espanholas em matérias de religião e de governo, vi nos referidos autores excelentes fragmentos, tanto de pensamento como de locução, até nas matérias frívolas das brincadeiras engraçadas; e naquelas em que a crítica, com demasiada liberdade, costuma mesclar o frívolo com o sério, e que é precisamente o gênero que mais atrativo tem no estrangeiro moderno, encontro muito no antigo nacional, tanto impresso como inédito. Enfim, concluo que, bem entendido e praticado nosso idioma, segundo o manejaram mestres acima mencionados, não é mais necessário estragá-lo na tradução, boa ou ruim, no restante da Europa; e em verdade, prescindiendo do que se avançou na física e na matemática, não fazem a menor falta as traduções”.

Eis o que costuma dizer Nuño quando fala seriamente sobre esse assunto.

José Cadalso (1741-1782)

Fonte: Cartas Marruecas.

Barcelona: Imprenta de Juan Francisco Piferrer, impresor de S. M. 1796.

http://es.wikisource.org/wiki/Imprenta_de_Juan_Francisco_Piferrer

Tradução de:

Luiziane da Silva Rosa

luizianesc@gmail.com

Doutoranda, Universidade Federal de Santa Catarina

Referências bibliográficas

- FURLAN, Mauri (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução. Renascimento. Antologia bilingüe*. Florianópolis: NUPLITT, 2006.
- PÉREZ ROSADO, D. Miguel. “Cadalso y la época de Carlos III”, in *Historia de la Literatura Hispánica: Prosa Española Contemporánea (siglos XVIII y XIX)*. Disponível em:
<<http://www.spanisharts.com/books/literature/mxviiiipro.htm>>. Acesso em 14 de novembro de 2011.
- RINCÓN CASTELLANO. *Cartas Marruecas*. Disponível em:
<http://www.rinconcastellano.com/ilustracion/cadalso_cartmarruecas.html#>. Acesso em 11 de novembro de 2011.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.
- UCHOA, Don Eugenio de (org). *Biblioteca de autores españoles, desde la formación del lenguaje hasta nuestros días. Epistolario Español: colección de Cartas de españoles ilustres antiguos y modernos*. Tomo Primero. Imprenta de Publicidad: Madrid, 1850. Digitalizado por Google.es. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=ZL3p1hB1uAoC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> .